

fiel à literatura:

entrevista com andré seffrin,

organizador de contos e novelas reunidos,
de samuel rawet

Luciano de Jesus Gonçalves*

Nascido em Júlio de Castilhos, Rio Grande do Sul, e residente no Rio de Janeiro desde 1987, o crítico e ensaísta André Seffrin organizou cerca de 25 livros, dentre os quais, o *Dicionário de pintores brasileiros de Walmir Ayala* (Editora da UFPR, 1997), a *Antologia Poética de Foed Castro Chamma* (Imprensa Oficial do Paraná, 2001), as novelas *O desconhecido/Mãos vazias* e *Inácio, O enfeitado* e *Baltazar*, de Lúcio Cardoso (Civilização Brasileira, 2000/2002), os *Melhores poemas* de Alberto da Costa e Silva (Global, 2007), a *Poesia completa e prosa* de Manuel Bandeira (Nova Aguilar, 2009), *A poesia é necessária* de Rubem Braga (Global, 2015) e a *Poesia completa* de Cecília Meireles (Global, 2017). Um de seus últimos trabalhos, a *Caixa Rubem Braga – Crônicas* (Autêntica, 2016), uma coorganização em parceria com Bernardo Buarque de Hollanda e Carlos Didier, conquistou o

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo – PPGLB-USP, sob a orientação da professora doutora Eliane Robert Moraes, em pesquisa sobre a prosa degenerada de Samuel Rawet, coorientada pela professora doutora Rosana Kohl Bines, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRIO. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO. E-mail: ljg@usp.br.

Prêmio Jabuti, de 2017. Ao longo de 58 edições, a premiação se consagrou como uma das mais conhecidas e disputadas do mercado editorial brasileiro.

Com tantos escritores vinculados à sua trajetória profissional, o motivo dessa entrevista não poderia ser outro. É através da importante edição de *Contos e novelas reunidos*, de Samuel Rawet (Civilização Brasileira, 2004), que me aproximo do nome do pesquisador que, como se percebe nesta apresentação, tem se constituído no trabalho com o texto literário.

A organização do volume que reúne o conjunto da prosa publicada em livro do escritor Samuel Rawet (1929-1984), judeu polonês de ascendência judaica, naturalizado brasileiro aos sete anos de idade, contribuiu para a divulgação da obra do escritor e facilitou o acesso de pesquisadores e leitores interessados nesse *corpus*. Na entrevista, repasso essa relação do crítico com a obra de Rawet, além de outras circunstâncias e curiosidades sobre o trabalho editorial com esse autor ainda desconhecido de muitos, mesmo em cursos especializados. Mais que encerrar qualquer questão sobre Rawet, o trabalho e as respostas de Seffrin figuram como convites sedutores à leitura e ao estudo da obra rawetiana.

Ao concluir sua apresentação para a obra de Rawet, Seffrin (2004, p. 12) afirma que o escritor “[...] foi fiel a si mesmo até o fim”. Nesta oportunidade, retomo o epíteto da fidelidade para caracterizar o trabalho do crítico. Essa fidelidade tem se traduzido em projetos essenciais para a Literatura Brasileira. Muito gentil, Seffrin concedeu a entrevista via correspondência eletrônica, no mês de setembro.

Em que momento de sua formação como leitor literário entrou em contato com a obra de Samuel Rawet?

Li todos os livros de Rawet ainda na adolescência, e com o mesmo fascínio com que li todos os livros de Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Jorge Amado, Erico Verissimo, entre outros autores, todos tão diversos. E li todas essas obras de maneira quase sistemática, dos primeiros aos últimos livros, sempre para buscar uma ideia de conjunto.

O que o atraiu nos primeiros contatos com a ficção do autor, a ponto de afetá-lo e conduzi-lo para a leitura de toda a sua obra? E como surgiu o projeto para a reedição narrativa?

Em Rawet a irreverência e o estilo incisivo me conquistaram logo no primeiro momento. A reedição surgiu em outras circunstâncias, quando já me profissionalizava no meio literário.

Ao oferecer o projeto de *Contos e novelas reunidos*, a adesão editorial foi imediata? Em caso negativo, o que o senhor ouviu como justificativa para a não publicação da obra?

Não foi imediata, ao contrário, foi bem demorada e acidentada. As justificativas: autor brasileiro não vende, conto não vende, autor pouco conhecido dá prejuízo etc. Alguns editores nem retornavam ou recusavam a proposta com os lugares comuns de sempre. Ao longo dos anos 1990, tentei sem sucesso a Companhia das Letras, a Rocco, a Nova Fronteira e também a Civilização Brasileira/Record, entre outras editoras menos conhecidas. Logo em seguida, por sugestão de Lucia

Riff, tentei novamente a Civilização (era então editora da casa a Luciana Villas Boas, que me conhecia do JB) e, por sorte, nessa nova tentativa tudo se encaminhou com certa rapidez.

Em 1990, com o seu empenho, *Contos do imigrante* foi reeditado pela Ediouro. Ao que me parece, trata-se da terceira edição dessa obra, as outras seriam, respectivamente, de 1956 e 1972. Qual o significado dessa primeira retomada editorial quase dez anos depois da morte do escritor?

A terceira edição dos *Contos do imigrante* integrou uma grande coleção de literatura brasileira. Walmir Ayala, em meados dos anos 1980, foi chamado pela Ediouro para assumir a coordenação de novos títulos para a série Prestígio, de livros de bolso, e naquele período vários autores foram agregados ao catálogo da editora. Trabalhei com Walmir nessa época. Lembro das antologias poéticas de Fernando Pessoa, Mario Quintana, Ferreira Gullar, Lêdo Ivo, Marcos Konder Reis, Gregório de Mattos, romances de Lucio Cardoso, Guilherme Figueiredo, Octavio de Faria, entre vários outros nomes. Ainda outros estavam previstos, e seus livros foram preparados mas não alcançaram a impressão por motivos diversos, como as antologias poéticas de Raul Bopp, Lélia Coelho Frota, Hilda Hilst, Renata Pallottini e Foed Castro Chamma, as duas primeiras organizadas pelo Walmir, as três últimas sob minha responsabilidade. O meio editorial oscila muito, de modo que podemos considerar a terceira edição dos *Contos do imigrante* um golpe de sorte, uma reedição que no entanto repercutiu pouco. Não me recordo de alguma eventual nota de imprensa, a Ediouro muito raramente divulgava lançamentos na imprensa. O sistema de vendas da editora na época não dependia dessa divulgação.

Alguns jornais, revistas e suplementos literários ainda guardam contos inéditos do escritor. Há, inclusive, registros de uma coletânea concluída de novelas, *Jogos de Marte*, que seria a segunda publicação de Rawet em livro. O senhor teve conhecimento dessas obras durante a elaboração do projeto? Por quais motivos elas não integraram a reunião de *Contos e novelas reunidos*?

Tinha conhecimento de alguns inéditos, não todos. Mas sempre foi difícil, e ainda hoje é, encontrar editor interessado em investir no autor nacional, interessado em financiar pesquisas. No caso de Rawet, reunir os livros até então publicados era já uma tarefa inglória, seria arriscado falar em aumentar esse material.

As produções inéditas do escritor, no campo da dramaturgia e do ensaio (ao que incluiria a crítica teatral), são numerosas. Em sua opinião, esse material pode apresentar algum interesse editorial?

Alguns inéditos (em livro) foram agregados pela Rosana Bines no livro de 2008. Tomara novas coletâneas deem conta de grande parte do material inédito, tarefa para as novas gerações de pesquisadores. Quanto a interesse editorial por inéditos do autor, continua restrito. Para projetos especiais como esse, hoje contamos bem mais com leis de incentivo, sobretudo formas de patrocínio que possam viabilizar projetos com pouco apelo comercial.

É possível enumerar os fatores pelos quais um escritor forjado nos meios literários e editoriais, a *Revista Branca*, entre tantos outros exemplos de suplementos e periódicos literários, encontre tanta resistência em ser publicado e/ou reeditado?

Circunstâncias. Na vida como na literatura, dependemos de tanta coisa: círculo de amizades, contatos, oportunidades etc. Enfim, o que conta mesmo, no caso especial do Rawet, é a alta qualidade do que escreveu, o mais acontece por força das circunstâncias. O reconhecimento da obra de Rawet, um dos maiores escritores da sua geração, virá com o tempo. Como se costuma dizer, tudo é uma questão de tempo. E há casos que nem o tempo ajuda, infelizmente.

Em entrevistas e ensaios, Rawet sempre apresentou uma avaliação pessimista do mercado editorial brasileiro. Essa avaliação o impulsionou a apoiar o processo que Autran Dourado moveu contra a Bloch Editores. Esse processo ganhou outro acusante de peso com a entrada de Carlos Drummond de Andrade na disputa. A briga perpassou a década de 1970 e resultou numa avaliação positiva, por parte do Supremo Tribunal Federal, de dois recursos apresentados por Drummond. Com esse resultado, a empresa foi obrigada a pagar os direitos autorais aos três escritores em face da antologia *Literatura brasileira em curso*, organizada pelos professores Dirce Riedel, Carlos Lemos, Ivo Barbieri e Therezinha Castro, em 1968. O imbróglio provocou algumas alterações no mercado editorial nacional. É possível dizer que esse evento contribuiu para uma resistência das editoras em torno do nome de Rawet?

Talvez, mas a marginalidade de Rawet se definiu antes desse imbróglio. Rawet enfrentou dificuldades para publicar por conta da complexidade da obra e também por seu temperamento pessoal, fato que se agravou mais tarde. As edições dos *Contos do imigrante* por José Olympio (o grande editor dos anos 1930/1950) e *Abama e Diálogo* por GRD (Gumerindo Rocha Dórea, primeiro editor de Rubem Fonseca e tantos outros), somadas ao prêmio conquistado pelos contos de *Os sete sonhos*, tornaram Rawet uma figura conhecida nos meios

literários, havia um lugar para aquele novo contista que chegava com muita força, mas tudo isso antecedeu um processo de marginalização dramático que ele viveria sem trégua até o fim. E é bom que se diga: ele não foi o único autor brasileiro a enfrentar tais dificuldades. Poderíamos enumerar dezenas de autores importantes, ao longo do século 20, que publicaram seus livros com muita dificuldade ou não conseguiram e até destruíram ou perderam originais.

É concebível afirmar que a prosa de Rawet caminhe, principalmente nas produções após *Contos do imigrante*, para uma vertente degenerada, em que o *fundo* aponta para questões, digamos, mais baixas e corporais (como a palavra pornográfica, simples, espontânea e popular) e a *forma* para a mescla excessiva de gêneros literários?

Sim, e acredito que esse aspecto, num tempo em que as políticas do corpo ganham o palco, em que as fronteiras de gênero estão cada vez mais borradas, passe a facilitar a circulação de suas ideias e de sua criação. Sem esquecer que ficção e ensaio em Rawet se confundem e misturam, e têm um perfil único na ficção brasileira. Talvez ninguém tenha sido tão ousado quanto ele, nem Dalton Trevisan, nem Rubem Fonseca. Tanto que um de seus livros mais audaciosos (um tanto irregular em termos de qualidade) é *O terreno de uma polegada quadrada*, onde temos, decantado, um espectro temático exposto de maneira mais incisiva e livre que nos livros anteriores. Aspectos que afloram também n' *Os sete sonhos* e depois em *Ahasverus* e *Que os mortos enterrem seus mortos* (se bem me recordo, este último livro é o preferido de Flávio Moreira da Costa). E cabe uma recordação de juventude: um dia indaguei de Fausto Cunha qual seria o melhor Rawet, o Rawet mais Rawet, se assim podemos dizer. Diante da relutância de Fausto, sugeri os *Contos do imigrante* e ele foi

enfático em afirmar que não. Mas deixou em aberto a minha indagação.

Em algumas palavras, quais elementos compõem a ética e a estética de Samuel Rawet?

Talvez se possa dizer que ética e estética se encaminham sempre juntas na obra de Rawet, de tal forma se irmanam em quase tudo que escreveu. Como em Kafka, como em Tolstói – na obra da maioria dos grandes autores suponho que ética e estética sempre funcionam juntas. Quanto a elementos, é assunto que rende tese ou ensaio, ou ensaios.

A narrativa de Rawet ainda é capaz de chamoscar, ou “queimar com a faísca da linguagem”, na expressão dos professores Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tonus (2008, p. 20), organizadores dos ensaios do escritor, o leitor do século 21?

Sim, como todo criador fora do comum, sua obra tem potencial para chamoscar novas gerações de leitores. O interesse por sua ficção é crescente.

Para finalizar, quero registrar a minha gratidão pela sua gentileza, disponibilidade e elegância durante toda a nossa interlocução. Antes de concluir a entrevista, o senhor teria algum conselho para quem deseja pesquisar a obra do escritor?

Mal começamos a conhecer a obra desse fenômeno chamado Samuel Rawet. É um campo aberto à pesquisa.

Referências bibliográficas

Para fins de organização e localização, seguem algumas obras e textos relacionados ao nome de Samuel Rawet que foram citados na entrevista:

KOHL BINES, Rosana; TONUS, José Leonardo. Prefácio: A palavra extrema de Samuel Rawet. In: RAWET, Samuel. *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Organização de Rosana Kohl Bines e Leonardo Tonus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 9-20.

RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Organização de Rosana Kohl Bines e Leonardo Tonus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SEFFRIN, André. Samuel Rawet: fiel a si mesmo. In: RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 9-15.